

TURISMO SUSTENTÁVEL NA AMÉRICA DO SUL: em que medida o turismo sustentável desempenha um papel importante?

SANTOS, MIKE DOS
BULCÃO, JERÔNIMO NASCIMENTO

INTRODUÇÃO

Os governos possuem muitas das ferramentas que podem ser usadas para fazer a diferença, como o poder de legislar, estabelecer regulamentos e assegurar a conformidade, a oferta de incentivos econômicos, medidas fiscais, bem como recursos e instituições para promover e disseminar boas práticas. (VERECZI, 2006, p.12, tradução nossa)

Esta declaração do Sr. Gabo Vereczi deixa claro por que não podemos esclarecer a questão de saber em que medida o turismo na América do Sul é sustentável sem lidar com as políticas de turismo dos vários países. As estruturas de turismo sustentáveis, tal como as definiremos no decorrer do capítulo, requerem coordenação, planejamento e alocação de recursos ao mais alto nível, para atender a todas as constantes do conceito de sustentabilidade e, ao mesmo tempo, garantir a viabilidade econômica das empresas de turismo. Portanto, o foco deste capítulo é a sustentabilidade das instituições e políticas de turismo de países sul-americanos selecionados. Em primeiro lugar, no entanto, é necessário desenvolver o conceito-chave de "turismo sustentável" e esclarecer algumas questões básicas.

Originalmente, o termo "sustentabilidade" pode ser rastreado para o setor econômico da silvicultura. De acordo com Gurtner (2006), a silvicultura, a partir do início do século XIX, foi considerada sustentável apenas quando somente a quantidade de madeira que poderia ser reproduzida pelas árvores é cortada sem danificar o ecossistema.

Como e quando esse significado específico do termo "sustentabilidade" foi transferido para problemas globais de política de desenvolvimento? De acordo com vários especialistas, o "Renascimento da Sustentabilidade" começou com a primeira Conferência Ambiental Global da ONU em Estocolmo em 1972. A Declaração de Estocolmo não mencionou explicitamente o conceito de sustentabilidade, os princípios de desenvolvimento e ecologia. O meio ambiente, no entanto, corresponde aos que tendemos a subsumir hoje em "desenvolvimento sustentável". A partir de então, o debate sobre a sustentabilidade se espalhou rapidamente em todo o mundo para alcançar um verdadeiro marco em 1992 com a Conferência do Rio. O objetivo declarado deste congresso foi "estabelecer o caminho para o desenvolvimento sustentável global" (INDUSTRIE- UND HANDELSKAMMER NÜRNBERG FÜR MITTELFRANKEN, 2017). Provavelmente, o mais significativo dos cinco documentos resultantes do Congresso do Rio é chamado de "Agenda 21" e formula objetivos de desenvolvimento e ecologia para o século XXI. E isso não é tudo: dez anos após a Conferência do Rio, outra Cúpula Mundial teve lugar em Johannesburgo, África do Sul, cujo lema "Desenvolvimento Sustentável" já se refletiu no título: "Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável". A partir

disso, pode-se concluir que a "sustentabilidade" evoluiu progressivamente para um princípio universal ao longo da história. O fato de que os documentos acima mencionados das conferências sobre meio ambiente e desenvolvimento foram assinados por mais de 100 estados membros, incluindo, claro, países sul-americanos, ilustra ainda que este não é um conceito de desenvolvimento imposto pelo Ocidente. Pelo contrário, o desenvolvimento sustentável segue uma abordagem completamente global. Na parte principal deste capítulo, veremos que alguns países ainda são menos bem-sucedidos na implementação de estruturas de desenvolvimento sustentável do que outros. Mas primeiramente temos que fazer algumas definições.

REFERÊNCIAL TEÓRICO

Primeiro, temos que nos perguntar o que se entende por desenvolvimento sustentável em geral. Em essência, todas as definições são baseadas na seguinte citação famosa do relatório de 1987, "Nosso futuro comum":

O desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento que atende as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atender às suas próprias necessidades (GURTNER, 2006).

Na visão de Baumgartner e Röhrer (1998), o desenvolvimento sustentável existe quando três aspectos principais são projetados de forma sustentável: as dimensões ecológica, econômica e social. Consequentemente, qualquer definição de turismo sustentável deve igualmente atender a esses três critérios, como, por exemplo, a

Organização Mundial do Turismo (OMT) em seu esclarecimento atual do termo a partir de 2004:

Os princípios de sustentabilidade referem-se aos aspectos ambientais, econômicos e sócio-culturais do desenvolvimento do turismo e um equilíbrio adequado deve ser estabelecido entre essas três dimensões para garantir sua sustentabilidade a longo prazo (OMT, 2017).

O tesouro de considerações teóricas sobre o turismo sustentável está constantemente sendo expandido: não foi até novembro de 2008 que a Fundação das Nações Unidas, a Rainforest Alliance, o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) e a OMT concordaram em quatro características desta forma delicada de turismo. Estes "Critérios Globais de Turismo Sustentável" visam os seguintes desenvolvimentos no setor de turismo:

- Planejamento de desenvolvimento para mais sustentabilidade no setor de turismo
- Maximizar os benefícios sociais e econômicos do turismo para as comunidades locais
- Reduzir o impacto negativo do turismo sobre os ativos culturais da região
- Reduzir os efeitos nocivos para o meio ambiente local.

Muitas vezes, o turismo sustentável é equiparado ao turismo suave, ao turismo natural ou ao ecoturismo. Todos os quatro termos têm um impulso semelhante, mas existem diferenças sutis entre essas diversas formas de serem ativos turísticos. As formas de turismo, que são referidas como "turismo de natureza", referem-se principalmente a "atividades turísticas em paisagens naturais atraentes". Em contraste, o

termo "ecoturismo" trata do lema "Conservação através do gozo da natureza" (MÜLLER, 1998, p.15). Aqui, portanto, o manejo cuidadoso dos recursos ecológicos está em primeiro plano. De acordo com a Comissão Internacional para a Proteção dos Alpes (CIPRA), o turismo suave promove o entendimento mútuo entre visitantes e visitados, e baseia-se no princípio da sustentabilidade ambiental (LOSANG, 2000). No entanto, este nome ainda se refere principalmente a projetos de turismo na região alpina. Por que o presente capítulo trata explicitamente do turismo sustentável, em vez de usar uma das outras palavras-chave aqui apresentadas? De acordo com vários especialistas em turismo, o turismo sustentável é o conceito mais abrangente de todos esses termos, muitas vezes sinônimos. Como mencionado acima, representa o ranking igual da dimensão econômica, ecológica e sociocultural. Por esta razão, o presente capítulo baseia-se essencialmente em interpretações e implementações práticas do turismo sustentável. No entanto, devido às incertezas conceituais predominantes, o termo relacionado "ecoturismo" também é mencionado.

Passemos agora à realidade. Isso nos mostrará que a terminologia difusa mencionada muitas vezes não mantém o que você promete. Porque, de acordo com Bernhard Müller: "Nenhuma empresa da indústria [do turismo] pode se dar ao luxo de fazer desaparecer o problema ambiental. Eco está na moda." (MÜLLER, 1998, p.13).

Razões para o desenvolvimento do Turismo Sustentável

Não há consenso quanto ao motivo pelo qual o conceito de turismo sustentável se desenvolveu e está se tornando cada vez mais importante hoje em dia. No entanto, considerando a evolução dos

transportes e o aumento relacionado da atividade turística (FREYER, 2006), reconhece-se que mais e mais pessoas puderam viajar devido à facilitação global de viagens, resultando em "turismo barato em grupo", que ameaçou a sustentabilidade das regiões afetadas e sua imagem e cultura local (BIEGER, 2005). A seguir, são explicados os perigos de um turismo de massa, que pode ser visto como um dos desencadeantes do desejo de desenvolvimento sustentável.

O turismo em massa pode ser descrito como o oposto do turismo sustentável. Se muitos turistas viajam para um destino, o desenvolvimento sustentável não pode mais ser garantido e os aspectos positivos do turismo são obscurecidos por fatores negativos. O foco está em aspectos quantitativos e na obtenção de otimização do rendimento de curto prazo (BIEGER, 2005).

Os recursos naturais do país visitado são muitas vezes as principais atrações para os turistas. Paisagens bonitas, ar puro, praias prístinas e plantas e animais exóticos são considerados com especial interesse e aumentam a atratividade do país de destino (FREYER, 2006). O aumento do número de turistas, no entanto, leva a um conflito de interesses entre os objetivos ecológicos e econômicos do país anfitrião. Existe o perigo de que os objetivos predominantemente econômicos estejam em primeiro plano e que os objetivos ecológicos sejam negligenciados ou passam para segundo plano. Com o aumento do turismo e um uso descontrolado dos recursos naturais existentes, há mudanças no meio ambiente (FREYER, 2006), que podem mudar ou ameaçar negativamente a natureza em longo prazo. Por esta razão, uma

forma de pensar em longo prazo e orientar para o futuro torna-se cada vez mais importante. A abordagem do turismo sustentável considera os efeitos nas gerações futuras e, além da compatibilidade ambiental, também leva mais em consideração a compatibilidade social e a produtividade econômica e, portanto, pode ser definida como um contra movimento para o turismo de massa (MOWFORTH; MUNT, 1998).

Conforme indicado, houve uma evolução constante que enfatizou a necessidade de uma alternativa ao turismo de massa. Já na década de 1980, houve tentativas iniciais de enfrentar os efeitos negativos do turismo. As conseqüências sócio-econômicas foram avaliadas criticamente, especialmente no caso de viagens de longa distância (FREYER, 2006). O chamado “Turismo do Terceiro Mundo” foi considerado um exemplo negativo em relação ao desperdício de recursos e o impacto negativo sobre culturas e valores nativos. O futurologista austríaco Robert Jungk formulou as primeiras abordagens de um turismo suave como uma alternativa ao turismo de massa, qual já estava em constante propagação, em 1980 (FREYER, 2006). Acima de tudo, o adepto de um turismo ecológico promoveu a consideração de aspectos ecológicos em que a harmonia com o ambiente natural, social e cultural estava em primeiro plano. Embora não fosse possível desenvolver objetivos concretos dessa abordagem na época, o turismo suave hoje é considerado um "precursor do turismo orientado para o meio ambiente" e é visto como a base para o desenvolvimento do turismo alternativo. De acordo com isso, uma nova forma de turismo deve surgir, que "atende às necessidades do presente sem remover a base

para suas necessidades das gerações futuras". O desenvolvimento sustentável "não destrói os fundamentos da própria vida e da economia", mas sim é definido como uma forma de progresso, com ênfase na consideração da próxima geração. O conceito de turismo qualitativo, baseado no "conceito econômico de crescimento qualitativo" (BIEGER, 2005), é aqui aplicado e expandido apenas por aspectos econômicos, ecológicos e sociais.

A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (UNCED) ocorreu no Rio de Janeiro, Brasil em 1992 e é hoje considerada como o ponto de partida para a cooperação internacional em políticas ambientais e de desenvolvimento (MOWFORTH; MUNT, 1998). Na sequência da conferência, a sustentabilidade no turismo tornou-se uma questão central em todo o mundo (FREYER, 2006) e vários objetivos foram definidos e estabelecidos no Programa de Ação da Agenda 21. Estas metas incluíram, entre outras coisas, a luta contra a pobreza nos países em desenvolvimento, tratamento de esgotos e eliminação de resíduos e melhorar a política de população e o desenvolvimento rural. A Comissão de Desenvolvimento Sustentável, subsequentemente estabelecida, é hoje o principal órgão internacional para avaliar o progresso no processo de acompanhamento do Rio (UN DEPARTMENT OF ECONOMIC AND SOCIAL AFFAIRS: SUSTAINABLE TOURISM - DECISIONS OF THE GA AND CSD). Deve-se notar, no entanto, que até agora não foram alcançados todos os objetivos expressados por este órgão, o que levou a críticas mundiais. O desafio reside no fato de que a indústria do

turismo está em constante mudança e precisa responder a essas mudanças de condições.

Importância do Turismo Sustentável

Assim, o conceito de Turismo Sustentável está a ganhar cada vez mais importância e é um turismo, que "aumenta o benefício de todas as partes interessadas e minimizar os danos" (BIEGER, 2005, p.14), bem como é equitativo para as comunidades locais, de forma ética e social (FORUM ANDERS REISEN: Philosophie, online), já é considerado por muitos prestadores de serviços e destinos. Vários critérios de compatibilidade devem ser cumpridos, pelo que os fatores sociais, culturais, ecológicos e econômicos devem ser alcançados de forma simultânea e igualmente possível para alcançar o desenvolvimento sustentável em longo prazo de um país ou de um destino (FREYER, 2006). Para realizar isso, os objetivos formulados são subdivididos nas três subáreas. Esta "Tríade de Sustentabilidade da Política de Turismo" (FREYER, 2006, p.384) será explicada na seção a seguir.

O turismo deve ser economicamente lucrativo e levar ao crescimento econômico na região percorrida. Tendo em conta a sustentabilidade econômica, os retornos econômicos na região percorrida devem ser distribuídos de forma justa. O maior número possível de trabalhadores locais deve ser integrado na cadeia de valor do turismo e beneficiar da melhoria de seus próprios rendimentos. Por conseguinte, é essencial que tanto os habitantes dos centros turísticos como as regiões estejam envolvidos no turismo e que as pequenas e

médias empresas nos destinos sejam particularmente encorajadas a promover uma cultura de emprego equilibrada. Ao mesmo tempo, o surgimento de uma monocultura turística deve ser evitado a todo custo, pois isso pode impedir o desenvolvimento de outros setores econômicos e pode ter conseqüências extremamente negativas para as áreas-alvo (MOWFORTH; MUNT, 1998). Assim, a promoção do crescimento qualitativo em vez de quantitativo no turismo está em primeiro plano. (FREYER, 2006)

De acordo com Freyer (2006) a sustentabilidade sociocultural é principalmente relacionada a objetivos sociopolíticos e muitas vezes não é reconhecível, isso quer dizer, não está sujeito a um método uniforme com o qual ele pode ser medido ou verificado. Apesar de ser uma sustentabilidade qualitativa não quantificável, é indispensável para a realização do desenvolvimento do turismo sustentável. O objetivo é criar um turismo sustentável que não limita nem altere ou influencie permanentemente a moral e as tradições da população local e esteja em harmonia com os costumes do país que viaja. Esta proteção do patrimônio cultural é um dos fatores mais importantes do turismo sustentável além da compatibilidade com a estrutura social e a participação da população explicada em anteriormente.

Freyer (2006) continua argumentando que hoje os problemas ambientais também são fatores importantes na avaliação do turismo. Um ambiente intacto é visto como um requisito básico para o turismo. A fim de alcançar a sustentabilidade ambiental no turismo, o ambiente natural e a chamada paisagem cultural devem ser preservados para garantir a

compatibilidade ambiental. Outra preocupação importante é a conservação de recursos e a prevenção e reciclagem de resíduos. Finalmente, os limites de exposição devem ser definidos e aderidos para evitar danos permanentes e irreversíveis ao meio ambiente.

No final do século XX, o turismo atingiu um ponto alto em muitos países industrializados. Desde então, a viagem já não foi definida como uma mercadoria de luxo, mas é aceita por uma grande parte da população, que é expressada através de viagens regulares de lazer e férias (FREYER, 2006). Assim, a indústria do turismo é referida como "um dos mercados globais de mais rápido crescimento" (BIEGER, 2005, p.5). A OMT prevê em sua visão de turismo 2020 um aumento do turismo internacional para até 1,6 trilhões de chegadas de turistas anualmente em 2020. O fato de que 378 milhões de viagens de longa distância está incluída neste número indica que há uma tendência para viajar para destinos distantes (OMT, 2011). No entanto, continua a ser visto em que medida o aumento dos preços do querosene e as flutuações das taxas de câmbio impactarão negativamente essas tendências (FVW, 2008). Deve também notar-se que, especialmente nas viagens curtas e de longa distância "tem-se um equilíbrio ambiental problemático devido ao índice de consumo de energia desfavorável por dia ambiental" (BIEGER, 2005, p.7) e complicam em um comportamento orientado para a ecologia e dos problemas dos países destinos das turistas. Hoje em dia, no entanto, mais e mais viajantes estão "sensibilizados para a importância do ambiente natural e sabem sobre sua condição crítica" (BIEGER, 2005, p.6). Os clientes experientes e críticos de viagem têm novos desejos; o interesse em novos destinos e formas de viagem está aumentando (FREYER, 2006) e preparando o caminho para o surgimento de formas alternativas

de viagem. Conseqüentemente, uma perspectiva positiva para o desenvolvimento futuro do Turismo Sustentável pode ser feita, e é provável que mais e mais viajantes no futuro busquem a sustentabilidade nos destinos escolhidos.

Assume-se que os mercados de crescimento turístico no futuro serão encontrados nos países em desenvolvimento, especialmente na Ásia, África e América do Sul (FREYER, 2006). A OMT prevê viagens mais frequentes para estas regiões. Por esta razão, mencionamos as possibilidades e os perigos do Turismo Sustentável.

Como já dissemos em outro lugar, o chamado "Conceito de Sustentabilidade" (BAUMGARTNER; RÖHRER, 1998, p.25) é usado no turismo internacional, através de acordos consolidados da OMT. No entanto, é um fato amplamente reconhecido que a interpretação de quais práticas garantem a sustentabilidade no turismo varia consideravelmente de país para país.

METODOLOGIA

Este estudo caracterizou-se por uma pesquisa bibliográfica, exploratória e descritiva. O trabalho iniciou com uma pesquisa bibliográfica e documental realizada em livros, artigos científicos, documentos e sites da internet que abordam as questões relacionadas à temática do turismo sustentável e das políticas ambientais dos países da América do Sul.

A parte central deste estudo centra-se em uma área cultural: o subcontinente sul-americano. A pesquisa foi conduzida nos seguintes países: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai,

Peru, Uruguai e Venezuela. No entanto, uma vez que ultrapassaria o escopo do estudo para descrever exaustivamente a estrutura do turismo sustentável em todos esses países, nos limitamos a exemplos excelentes e tendências ásperas, se eles puderem ser identificados.

O presente trabalho baseia-se principalmente em declarações dos institutos de turismo sul-americanos, que podem ser encontradas nos sites correspondentes. O objetivo do ensaio foi investigar qual imagem os representantes dos respectivos países estão fazendo do turismo sustentável e como essa idéia é levada em consideração em projetos concretos. Por esse motivo, também fizemos grandes esforços para iniciar a pesquisa com a maior imparcialidade possível. Como resultado, a primeira impressão foi mais heterogênea do que se acreditava que seja possível antes da investigação. Deparamos com países que não fornecem informações relevantes sobre turismo sustentável em seus sites (por exemplo, Paraguai, Chile). Por outro lado, o Equador e a Colômbia, por exemplo, se destacam claramente, já que suas concepções claras de viagens sustentáveis e ecoturismo não são de modo algum inferiores aos modelos "ocidentais" à primeira vista. Assim como não se pode fazer um julgamento geral sobre a sustentabilidade do turismo para todos os países europeus, parece inadequado pressionar os países sul-americanos em um espartilho tão apertado. Vejamos o que isso significa em detalhes.

ANÁLISES

"O ecoturismo? Nós não conhecemos a palavra!" (MOYA, 1998, p.113). Estas palavras foram pronunciadas por um índio Shuar do

Equador. E quanto aos governos dos países sul-americanos - o que eles entendem por "ecoturismo" ou "turismo sustentável"? A resposta a esta questão dificilmente pode ser superada em termos de complexidade. Em primeiro lugar, deve-se dizer que todas as instituições de turismo investigadas mencionaram em seus sites pelo menos a palavra "ecoturismo" e, em menor medida, o termo "turismo sustentável". É impressionante que a palavra "ecoturismo" não pareça exigir qualquer definição na maioria dos países tratados. A análise da oferta turística no site da Sernatur chilena deixa claro, por exemplo, que o "Ecoturismo" é mais usado como um slogan entre muitos outros e é claramente usado para fins publicitários. Sobre Pucón, por exemplo, é dito:

“Nos arredores, existe a Rede de Turismo Rural Folil Mapu e também há acampamentos que facilitam o ecoturismo, a pesca esportiva e o conhecimento da culinária nativa” (ESPECIAL VERANO, 2011, tradução nossa).

Outros países certamente têm uma definição de "ecoturismo", como a Secretaría de Turismo de la Nación da Argentina, que oferece a seguinte definição:

“O ecoturismo é definido como a realização de viagens a áreas naturais que não estão contaminadas com o objetivo de interpretar, apreciar ou estudar o ambiente natural”.

Esta interpretação, sem dúvida, corresponde à definição geral do turismo de natureza. No entanto, como apresentado, eles não podem satisfazer os critérios internacionais de sustentabilidade que se aplicam ao ecoturismo de qualquer maneira.

Em contraste, existem também países que oferecem uma definição mais equilibrada de "ecoturismo". O principal exemplo disso é a Colômbia, que criou sua própria seção para o desenvolvimento do ecoturismo no Plano Sectoria 2007-2010. O principal objetivo desta área política é descrito na Política del desarrollo del ecoturismo como: “um desenvolvimento sustentável do ecoturismo baseado em um quadro de responsabilidade social e promoção de uma oferta competitiva (de qualidade) de serviços” (COLOMBIA, 2003, tradução nossa).

Na confusão conceitual que caracteriza o setor de turismo tratado, tal afirmação se destaca extraordinariamente bem. Este plano do governo baseia-se em pesquisas cuidadas, cujo resultado é uma clara separação dos sinônimos frequentemente mal interpretados - também na Europa - para "ecoturismo" e "turismo sustentável". O esclarecimento do conceito central aqui apresentado também está em conformidade com a definição de turismo sustentável confirmada pela Organização Mundial do Turismo e outros órgãos globais, já que as três dimensões da sustentabilidade (econômicas, ambientais, sociais) são citadas. No curso do documento estratégico da Política para el desarrollo del ecoturismo, fica claro que os autores deste plano do governo foram conscientemente guiados pelos padrões internacionais, pois o termo "desarrollo sostenible" é mais específico com referência à Agenda 21. Na página 9, os autores do plano - o Ministerio de Comercio, Industria e Turismo e o Ministerio de Ambiente, *Vivienda y Desarrollo territorial* - também demonstram uma forte capacidade de reflexão crítica do turismo em comparação com outros colegas sul-americanos:

Em muitos casos, no entanto, as ofertas não foram qualificadas e, sob o selo "eco", os serviços são comercializados que ainda não possuem um design de produto responsável e cuidadoso e que, em vez de contribuir para a conservação, levam à destruição de recursos naturais. (COLOMBIA, 2003, tradução nossa).

Pode-se pensar que qualquer envolvimento sério com a palavra "ecoturismo" teria que levar a essa conclusão. As opiniões expressas também sugerem que os europeus (como uma seção transversal muito grosseira e, obviamente, inadequada através da população) também tendem a questionar esse termo em suas implicações práticas. Nos círculos do governo sul-americano, esta consciência do problema parece ser geralmente menos pronunciada, uma vez que, no decorrer da pesquisa, apenas uma declaração crítica foi encontrada, na página inicial colombiana, mencionada acima.

Qual o papel do turismo sustentável na América do Sul? Em alguns países, esse termo parece ter alta prioridade, como no Brasil, no Equador e no Paraguai. Nesses países, a sustentabilidade do turismo é referida como "Missão" da respectiva autoridade de turismo. Como na Europa, o turismo sul-americano também segue esse modelo. No entanto, nem todos os estados que criaram oficialmente a sustentabilidade, o mais alto princípio de ação oferece definições concretas do mesmo. O Ministério do Turismo brasileiro, por exemplo, não explica o que o seu valor base de turismo realmente significa. O Equador, por outro lado, pode apresentar uma definição no relatório *Plan estratégico de desarrollo de turismo sostenible para Ecuador* (Plandetur) 2020, que, no entanto, permanece mais do que vago:

O turismo sustentável é o modelo de desenvolvimento em todos os níveis de gestão do setor para impulsionar a economia nacional e contribuir para a consecução dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) (ECUADOR, 2007, tradução nossa).

Os autores do *Plan estratégico de desarrollo de turismo sostenible para Ecuador* desenham mais do que habilidosamente com a referência aos objetivos do Milênio do caso. É claro que esses objetivos internacionais incluem todos os desenvolvimentos desejáveis para o turismo. No entanto, deve ser óbvio que esta "dê uma olhada por você mesmo, o que queremos dizer atitude" não contribui muito para o esclarecimento do conceito já confuso. Em contrapartida, o *Ministerio de Comercio Exterior y Turismo do Peru* apresenta uma abrangente, mas sucinta, a definição de "*Sostenibilidad turística*", que engloba aspectos que são ambientalmente e socioculturalmente responsáveis, e eticamente e economicamente viáveis.

Institucionalização da Política de Turismo na América do Sul

Examinemos agora as estruturas institucionais do turismo sustentável a nível governamental. O turismo na América do Sul é um fenômeno relativamente moderno, uma vez que a instabilidade política e econômica da maioria dos países da região há muito dissuadiram turistas, principalmente viajantes internacionais. Apenas a transição democrática na década de 1990 levou gradualmente ao desenvolvimento turístico dos países do subcontinente em questão (SANTANA, 2001). Claro, alguns países, como o Brasil ou a Argentina, são mais freqüentados pelos turistas. No entanto, todos os países pesquisados possuem um ministério do turismo. O Brasil pode até reivindicar quatro atores estatais

relacionados ao turismo. Às vezes, o Ministério do Turismo é integrado a outro escritório, como o Peru (Ministerio de Comercio Exterior y Turismo) ou Colômbia (Ministerio de Comercio, Industria y Turismo). No entanto, a maioria dos escritórios de turismo na América do Sul são exclusivamente responsáveis pelo turismo. Se considerarmos que não há um Ministério do Turismo organizado pelo governo federal na Alemanha e apenas desde 2005 um comissário turístico do governo federal foi implantado, um desenvolvimento notável do setor de turismo nos países sul-americanos pode ser observado.

Quais estruturas já estão disponíveis em relação ao segmento de mercado "Turismo Sustentável"? Para responder esta questão suficientemente, antes de tudo, recomenda-se uma análise dos organogramas dos departamentos de turismo dos países sul-americanos. Finalmente, queremos investigar até que ponto a institucionalização da idéia de sustentabilidade no turismo sul-americano progrediu. Surpreendentemente, a pesquisa mostra que os dois países cujos ministérios não só se dedicaram ao desenvolvimento do turismo, como o Peru e a Colômbia, criaram cada uma sua própria diretoria de turismo sustentável. Na Colômbia, chama-se Dirección de calidad y desarrollo sostenible, enquanto no Peru chama-se de Dirección de medio ambiente y sostenibilidad turística, confiada à tarefa de tornar sustentável o turismo peruano. A estrutura institucional do Ministério do Turismo equatoriano, por outro lado, mostra uma distribuição mais regional de responsabilidades dentro do órgão turístico, por exemplo, porque existe uma Subsecretaría de turismo del litoral separada. No entanto, outras

estruturas organizacionais, como as chilenas, consideram indiretamente o conceito de sustentabilidade, criando administrações para Turismo Social e Ordenamiento territorial y medio ambiente. É claro que a mera presença de uma diretoria, cuja designação se refere de alguma forma ao conceito de sustentabilidade, não significa necessariamente que um modelo de turismo ambientalmente saudável e socialmente responsável também seja usado na prática. Por outro lado, quem poderia negar que a existência de estruturas explícitas baseadas em "sostenibilidad" aponta para o seu alto status em um país?

Mais do que a estrutura administrativa dentro dos ministérios do turismo diz, entretanto, seus programas e planos para o design do turismo sustentável. Já mencionamos a Política para o desenvolvimento do ecoturismo da Colômbia. Até o pequeno país Uruguai tem um Plan Nacional de Turismo Sostenible. À primeira vista, no entanto, as iniciativas de outros dois países são particularmente impressionantes: Argentina com o Plan Federal Estratégico de Turismo Sustentable 2020 (PFETS) e Equador com o Plan Estratégico de Desarrollo de Turismo Sostenible para Ecuador (Plandetur 2020). Estes dois programas exigem, portanto, uma análise comparativa fundamental. Ambos os documentos de estratégia têm em comum que eles constituem um guia para o desenvolvimento do turismo sustentável com vistas a uma data específica, no caso da Argentina em 2016 e 2020, respectivamente, para o Equador. Quais são os objetivos desses dois conceitos? Em primeiro lugar, é notável que os "objetivos" dos dois manifestos incluem aspectos heterogêneos, como é típico do conceito de sustentabilidade. O PFETS

argentino lista quatro categorias alvo diferentes: objetivos ambientais, socioculturais, de qualidade e socioeconômicos. Este fato, por si só, implica um argumento consciencioso entre os autores e a idéia de sustentabilidade e sua concepção a nível internacional. Sob o título "objetivos ambientais", torna-se claro que a natureza é vista como um recurso ("a satisfação do turista com o destino e com o meio ambiente no destino visitado", ARGENTINA, 2011, p.19, tradução nossa). Além disso, o Plano Estratégico da Argentina leva em consideração as "ameaças a estilos de vida e bens culturais" (ARGENTINA, 2011, p.19, tradução nossa), que se baseia no turismo internacional e nacional. Estes objetivos devem ser alcançados através de uma abordagem descentralizada ("integrar províncias e municípios em uma escala de ação mais ampla", ARGENTINA, 2011, p.16, tradução nossa). O Plandetur 2020 do Equador também procura coordenar atores estatais, privados e baseados na comunidade. Os objetivos, porém, são mais específicos do que no PFETS e têm um claro vício político-administrativo. Por exemplo, o Plandetur 2020 exige "um quadro legal claro, um sistema de informação eficiente e um quadro institucional fortalecido" (ECUADOR, 2007, p.22, tradução nossa) para o turismo sustentável no Equador, que está localizado para transformar em uma "prioridade da política do Estado" (ECUADOR, 2007, p.22, tradução nossa). As três dimensões da sustentabilidade são mencionadas no plano elaborado pelo Ministerio de Turismo do Equador, com referência recorrente aos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ECUADOR, 2007). No entanto, os detalhes desses compromissos internacionais não são

explicados em detalhes. É bastante duvidoso que todo equatoriano seja informado sobre o conteúdo desse plano de ação global. Um componente importante do objetivo equatoriano é formulado da seguinte forma:

É importante ressaltar que o PLANDETUR não busca aumentar o número de visitantes internacionais, pelo que esperasse manter o mercado quantitativamente, mas aumentando o benefício atual percebido por cada turista. (ECUADOR, 2007, p.26, tradução nossa).

Com esta declaração, o Ministério do Turismo do Equador atesta que internalizou a diferença entre o turismo quantitativo e qualitativo. Na prática, no entanto, continua a ser visto se essa realização pode ser posta em prática. Considerando que desde 1974 existe um plano mestre nas ilhas Galápagos, pertencentes ao Equador, que é intencionado em limitar o número de visitantes, mas na prática quase não tem efeito, como afirma Karrasch (2003) e é questionável se um novo conceito em relação a essa faceta essencial da sustentabilidade será mais bem-sucedido.

Passemos agora à dimensão prática desses "calendários de sustentabilidade" exemplares. Tanto a PFETS como o Plandetur apresentam certo número de estratégias básicas, cada uma das quais é atribuída a alguns projetos concretos. O documento básico argentino inclui "15 Estratégias" e "32 Programas", enquanto o enredo do Equador conhece "77 Programas" e "78 Projetos". Não só a nomeação das categorias e/ou subcategorias é diferente, também o conteúdo de ambos os planos de ação difere consideravelmente. Na prática, o PFETS parece

estar à margem da sustentabilidade. Somente o programa 5.1.2. (Programa federal de turismo social) e programa 5.2.1. (Preservação e conservação do Patrimônio turístico) estão diretamente relacionadas ao conceito de sustentabilidade. A maioria das estratégias, por outro lado, lê como blocos de construção de um plano de negócios puramente para promoção do turismo. Exemplos disso são os campos de ação "Investimentos e métodos de financiamento" (ARGENTINA, 2011, p.78) e "Promoção e Marketing" (ARGENTINA, 2011, p.80).

Não em todos os lugares, onde esta escrita "sustentabilidade" a "sustentabilidade" está inclusa. Mas o exemplo equatoriano nos ensina que esta afirmação não é de forma alguma generalizada. O Plandetur 2020, como o PFETS, incluem inúmeros programas administrativos que refletem explicitamente o conceito de sustentabilidade (PLANDETUR 2020, p.32: Coordenação interinstitucional para o turismo sustentável; Desenvolvimento e consolidação de regulamentos do turismo sustentável; Gestão para o turismo sustentável). Os conceitos jurídicos empresariais são, portanto, quase entrelaçados com o aspecto da sustentabilidade, o que é credível para a abordagem do Ministério do Turismo equatoriano, pois mesmo em uma inspeção mais aprofundada fornece essa visão. Além disso, o Plandetur do Equador é dedicado ao turismo sustentável em áreas protegidas (ECUADOR, 2007) e treinamento de recursos humanos neste setor de turismo (ECUADOR, 2007). O último aspecto é de enorme importância porque garante o repasse da ideia da sustentabilidade nas gerações futuras. Esta é também uma possível razão pela qual esse fator encontrou caminho nos dez

princípios do turismo sustentável do WWF e Tourism Concern (KAHLENBORN, 2000).

Análise SWOT Turismo Sustentável na América do Sul

Pontos fortes

A força pode ser as paisagens naturais únicas e os ecossistemas da América do Sul, que podem ser promovidos de forma eficiente pelo turismo sustentável. A diversidade natural do continente oferece excelentes oportunidades para o desenvolvimento do turismo sustentável. Muitos projetos para promover o turismo sustentável já existem que estão apenas no início e poderia ser expandida ainda mais longe, com ambos os governos e vários prestadores de serviços estão interessados em participar. Restrições de visitantes em zonas ecologicamente sensíveis já foram introduzidas em muitos destinos e testemunham uma mudança de atitude em relação ao turismo sustentável.

Deficiências

Em algumas partes da América do Sul, a população está apenas envolvida marginalmente no turismo e dificilmente se beneficia disso. Existe o perigo de que os costumes e a moral mudem e se tornem comercializados pela influência do turismo. A proteção ambiental é escassa ou ausente em muitas áreas e é difícil influenciar positivamente as atitudes das pessoas locais e proteger o meio ambiente. Outra fraqueza é a falta de limites de sustentabilidade social, por exemplo, um número

máximo de camas que poderiam impedir o crescimento descontrolado do turismo.

Oportunidades e soluções

As oportunidades promissoras da América do Sul para o turismo sustentável podem incluir a maior integração das populações locais e a promoção das habilidades dos trabalhadores locais através de programas de educação de longo prazo. Assegurar padrões sociais mínimos para os trabalhadores do turismo, bem como exercer os direitos dos empregadores e salários adequados para os trabalhadores locais, podem assim garantir um desenvolvimento sócio-cultural sustentável em longo prazo. A proteção e a preservação dos interesses econômicos, sociais e culturais dos povos indígenas também podem ser promovidas. Além disso, as campanhas de educação para a população local sobre as oportunidades e riscos do turismo, bem como para os turistas sobre o comportamento adequado, sensibilizando as pessoas envolvidas no turismo na América do Sul e promovendo o surgimento do turismo sustentável. O estabelecimento de planos de desenvolvimento regional sustentável e a preferência pelo investimento local, promovendo a pequena e média indústria do turismo local, conduzem à diversificação econômica e, portanto, podem garantir a sustentabilidade econômica, levando em consideração outros fatores. A definição de limites de capacidade de carga ecológica nas áreas turísticas, bem como a demolição ou reabilitação ambiental em áreas onde os limites de carga já

são amplamente superados, poderia incentivar a inclusão de fatores ambientais.

Outra opção é o prêmio "International Green Globe", o único com certificado internacional para o turismo sustentável que reconhece a realização de projetos e ações nos campos social, cultural e ambiental e que também pode ser um incentivo para a realização do turismo sustentável na América do Sul.

Ameaças

Na América do Sul, também existe o perigo de dependência econômica de destinos individuais e desenvolvimento unilateral do turismo monoestrutural. Além disso, grandes partes da população indígena, bem como sua cultura e costumes ainda estão ameaçadas. No futuro, eles serão cada vez mais expostos às influências do turismo e poderão perder sua identidade cultural no longo prazo. A conquista do turismo sustentável é limitada ou mesmo impossível em alguns destinos devido à falta de recursos financeiros, e apenas os objetivos econômicos de curto prazo são alcançados sem controle sobre o crescimento do turismo, embora em alguns destinos já ponha em perigo as comunidades locais e os valores sociais. Assim, uma expansão do turismo em áreas onde já há uma forte pressão sobre a natureza para observar e pode impedir a persistência em longo prazo de destinos inteiros como áreas turísticas e tornar impossível o estabelecimento de turismo sustentável devido à ruptura do equilíbrio ecológico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É verdade que a maioria dos países da América do Sul reconheceu a importância da sustentabilidade ambiental e social e tentou garantir isso, na medida em que esse apoio garanta o sucesso econômico. No entanto, conforme a afirmação da *Arbeitsgemeinschaft Lateinamerika* (online), a disponibilidade para um maior investimento só pode existir tanto para governos quanto para prestadores de serviços apenas quando fatores ambientais negativos, como ameaças à mudança climática, ameaçam a própria existência de áreas alvo inteiras e ameaçam que estes estão tornando-se inabitável.

Em resumo, pode-se afirmar que o "turismo sustentável" é bem conhecido dos governos sul-americanos, embora, é claro, o grau de aprofundamento no tema difere consideravelmente de um país para outro. À medida que o presente trabalho sustenta, o Equador, em particular, apresentou um roteiro estruturado na direção do desenvolvimento do turismo sustentável em 2007 com o Plandetur. No entanto, as abordagens da Argentina, Uruguai e Colômbia, com o último foco no ecoturismo, também são passos claros na direção certa. Então, vemos que já existem conceitos de turismo sustentáveis suficientes na América do Sul, mas os resultados concretos do seu estabelecimento provavelmente só serão verificáveis em alguns anos. Afinal, todos os modelos mencionados emergiram nos últimos anos, o que parece coerente na medida em que o conceito de ecoturismo como um todo realmente ganhou apenas um ponto de apoio no cenário turístico global nessa e na última década. Isso também explica o fato de que as iniciativas

governamentais raramente foram referenciadas quando o turismo sustentável na região sul-americana tem sido amplamente estudado. Como vimos o potencial de sustentabilidade do turismo sul-americano até agora foi concentrado há algum tempo em iniciativas do setor privado. Como um exemplo disso, os projetos relativamente sustentáveis "Ecolodge Posada Amazonas" e "Expedições Wanamei" no Peru, cada um conduzindo a uma cogestão de representantes da população indígena e uma empresa do setor privado. Além disso, algumas administrações dos parques nacionais alcançaram sucessos notáveis na limitação dos visitantes às reservas, o que é, sem dúvida, um turismo sustentável nessas áreas. Aqui novamente gostaríamos de referir a um exemplo peruano. O Parque Nacional Manu caracteriza-se por uma estrutura de três zonas, cuja área livremente acessível compõe apenas 5% da área do parque. Na nossa visão, é natural que esses e outros projetos concretos na América do Sul que lidam com o "turismo sustentável" sejam mais vistos do que iniciativas e conceitos complexos governamentais. A questão é, se a sustentabilidade na indústria do turismo realmente "imposta" de forma eficiente pelas agências governamentais, especialmente nos países em que esse termo é tão recente como na América do Sul. Entendemos que as medidas estruturais na indústria do turismo só são eficazes se forem implementadas sob a forma de projetos gerenciáveis no local. Os planos governamentais como os apresentados no decurso da investigação são, portanto, na nossa visão, apenas vantajosos se seu efeito realmente depender da natureza e da população das áreas afetadas. Vejamos o maior potencial aqui no Plandetur 2020 do governo do Equador, cujos

projetos concretos, se adequadamente realizados, são mais propensos a contribuir para criar um senso de sustentabilidade na população local. O turismo sustentável é um negócio de todos. E é por isso que só pode ter sucesso se todos, não apenas os governantes de um país contribuem para isso.

REFERÊNCIAS

ARGENTINA. Ministerio de Turismo de la Nacion. **Plan Federal Estratégico de Turismo Sustentable 2020**. Buenos Aires: [s.n.], 2011. 159 p. Disponível em: <https://issuu.com/asap1/docs/planfederal_estrategico_deturismosustentable>. Acesso em: 10 nov. 2017.

BAUMGARTNER, C., RÖHRER, C., **Nachhaltigkeit im Tourismus: Umsetzungsperspektiven auf regionaler Ebene**. Mainz, 1998.

BIEGER, T., **Management von Destinationen**. 6. ed. Munique: R. Oldenburg Verlag, 2005.

COLOMBIA. Ministerio De Comercio, Industria y Turismo. **POLÍTICA PARA EL DESARROLLO DEL ECOTURISMO**. Bogota: [s.n.], 2003. 58 p. Disponível em: <https://fontur.com.co/aym_document/aym_normatividad/2003/POLITICA_PARA_EL_DESARROLLO_DEL_ECOTURISMO.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2017.

ECUADOR. Ministerio De Turismo. **Diseño del Plan Estratégico de Desarrollo de Turismo Sostenible para Ecuador “PLANDETUR 2020”**. Quito: [s.n.], 2007. 536 p. Disponível em: <www.turismo.gob.ec/wp-content/uploads/downloads/2013/02/PLANDETUR-2020.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2017.

ESPECIAL Verano: Zona Sur. 2011. Disponível em: <<http://www.revistacarrusel.cl/zona-sur/>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

FORUM ANDERS REISEN: Philosophie. Disponível em: <<https://forumandersreisen.de/ueber-uns/philosophie/>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

FREYER, W., **Tourismus.** Einführung in die Fremdenverkehrsökonomie. 8. ed. Munique: R. Oldenburg Verlag, 2006.

FVW. **Schönheitsfehler.** ed. 02/08, Hamburg, 2008.

GURTNER, R., **Nachhaltigkeit im Tourismus:** Eine Analyse der touristischen Big Players. Saarbrücken, 2006.

KAHLENBORN, W., *et.al.* Umweltschutz und Tourismus. Deutsche Außenpolitik zwischen GATS und CSD. **Beiträge zur internationalen und europäischen Umweltpolitik,** 2000.

KARRASCH, H., Galápagos: Fragiles Naturparadies und Ökotourismus. In: **Geographische Rundschau** 55. ed. vol. 3, 2005.

LEXIKON DER NACHHALTIGKEIT. Nürnberg: Industrie- Und Handelskammer Nürnberg Für Mittelfranken. Disponível em: <http://www.nachhaltigkeit.info/artikel/geschichte_10/rio_48/weltgipfel_rio_de_janeiro_1992_539.htm>. Acesso em: 20 nov. 2017.

LOSANG, E., **Tourismus und Nachhaltigkeit.** Trier, 2000.

MOWFORTH, M., MUNT, I., **Tourism and Sustainability.** Development and new Tourism in the third world. 2. ed. Routledge, 1998.

MOYA, S., “Ökotourismus? Wir kennen das Wort nicht!“ In: RAUSCHELBACH, B. (Ed.). **(Öko-) Tourismus:** Instrument für eine nachhaltige Entwicklung. Heidelberg, 1998.

MÜLLER, B., Was ist Ökotourismus. In: RAUSCHELBACH, B (Ed.). **(Öko-) Tourismus:** Instrument für eine nachhaltige Entwicklung. Heidelberg, 1998.

NACHHALTIGE Entwicklung als Basis für wirtschaftlichen Erfolg. **AMÉRICA LATINA,** ed. 10, Bad Vibel, 2013. p. 19-24.

OMT, **Sobre Nós**, [s.d.], Disponível em: <<http://sdt.unwto.org/content/about-us-5>>. Acesso em: 20.11.2017

OMT, **Tourism Highlights**, 2011.

SANTANA, G., **Tourism in South America**. A Brief Overview. New York, 2001.

UN Department of Economic and Social Affairs: **Sustainable Tourism** - Decisions of the GA and CSD, [s.d.]

VERECZI, G., Tourism and Sustainable Development. In: Policies, Strategies and Tools for the Sustainable Development of Tourism. **World Tourism Organization Seminar Proceedings**. Almaty, 2006.